

RESENHA

O corpo sígnico:
abordagens antropológicas dos sintomas, sinais e símbolos corporais

Solange Camilo dos Santos¹
Universidade Federal da Grande Dourados



FERREIRA, Jaqueline (org.). *O corpo sígnico: abordagens antropológicas dos sintomas, sinais e símbolos corporais*. Curitiba: CRV, 2022.

SANTOS, Solange Camilo dos. **O corpo sígnico: abordagens antropológicas dos sintomas, sinais e símbolos corporais (Resenha)**. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 11 (26): 373-378, maio a agosto de 2024. ISSN: 2358-5587

¹ Bacharel e licenciada em Psicologia (UFGD), especialista em Psicologia Hospitalar, mestranda em Processos Psicossociais (UFGD).

O poder médico à frente dos sentidos corporais e sociais: uma crítica à obra *O corpo sígnico*

O *corpo sígnico: abordagens antropológicas dos sintomas, sinais e símbolos corporais* é um livro publicado no ano de 2022, pela editora CRV, sob organização da pesquisadora Jaqueline Terezinha Ferreira. Graduada em medicina, mestra e doutora em Antropologia Social, Ferreira é professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em sua trajetória de pesquisa, destaca-se a discussão em torno das representações sociais sobre o corpo, saúde/doença e cura. A obra compreende 11 capítulos independentes, cujos autores são: Alan Camargo Silva, Bruna Fabrício Barcelos, Camila Miranda Ventura de Oliveira, Gabriela Granieri de Oliveira Aidar, Gabriela Ferreira Nascimento Vicente, Jaqueline Terezinha Ferreira, Lidiane Mara de Ávila e Silva, Mayara Cassimira de Souza e Marina Fagundes Gueiros. *O corpo sígnico* retoma, em vários aspectos, e, ao mesmo tempo, atualiza as reflexões de Ferreira (1994) realizadas ao longo da década de 1990 em torno da semiologia dos processos de saúde-doença.

Na obra atual, por meio de suas experiências de trabalho de campo, as pessoas autoras que compõem a coletânea buscam demonstrar como o corpo e suas pulsões não são somente eventos físicos e biológicos, mas também podem ser estudados como fatos sociais totais em que atuam aspectos biológicos, simbólicos, políticos, econômicos, institucionais, técnicos, científicos, dentre outros. Nesses termos, no que se refere aos sintomas, ao sofrimento e ao cuidado dispensados a esses, há sempre a presença de circunstâncias sociais que demarcam e contornam todos os sujeitos envolvidos. Destarte, em todos os capítulos prevalece a perspectiva de que os sinais e sintomas são mensagens a serem decifradas de modo a mostrar se o corpo se encontra ou não adoecido.

Além das teorias que centralizam o tema da pesquisa, a metodologia qualitativa de cunho etnográfico também toma espaço na coletânea, uma vez que, em sua grande maioria, os estudos abordam o/a pesquisador/a enquanto parte integrante da pesquisa, o vínculo entre observador e objeto de estudo e, ainda, a necessidade de se estranhar aquilo que lhe é familiar, no intuito de gerar novas perspectivas sobre os sentidos do adoecer.

Ao nos voltarmos ao conteúdo, o livro em questão é dividido em duas partes principais. Na primeira, Ferreira discute a história das abordagens antropológicas dos sinais corporais e a forma de aprendizado da ciência médica através dos estudos da semiologia clínica e contato com o doente. A segunda parte foca em estudos de caso específicos que ilustram como diferentes sujeitos e seus contextos interpretam os signos corporais, buscando propor uma nova abordagem teórica para o estudo desses significados. A partir desse contexto, pensaremos as ideias da autora.

A parte I da obra estrutura-se em cinco capítulos. O primeiro conta de maneira reduzida a história da construção da Semiologia médica, ou seja, dos modos

de leitura e decodificação dos sinais apresentados pelo corpo; em seguida, pensa-se como ocorre o ensino dessa técnica nas faculdades de medicina e como se dá o contato médico-paciente. No capítulo posterior, dá-se continuidade à descrição da consulta médica, nesse momento, pensando-a enquanto um drama social, isso, através de dados etnográficos colhidos em centros médicos destinados a receber pessoas em situação de vulnerabilidade.

O capítulo 4 descreve a semiologia diagnóstica da hanseníase, onde, através de entrevistas, demonstra-se a magnitude e os problemas decorrentes da ausência de tratamento, além da estigmatização da enfermidade e do enfermo, gerando repercussões em todas as esferas da vida, inclusive, no diagnóstico e prognóstico. Em seguida, versa-se a respeito do papel da enfermagem no pós-operatório da cirurgia cardíaca, pontuando as dificuldades da atuação desses profissionais nas unidades hospitalares, bem como, relatando a hierarquia existente nesses setores.

Em suma, essa parte apresenta a construção da semiologia e o aprendizado do corpo por parte do “sujeito médico”, além da construção dessa forma de saber e da encenação que ocorre dentro de uma consulta médica. E, apesar de nesse contexto a autora deixar claro seu desejo de expressar a importância da semiologia clínica na construção diagnóstica e o papel do indivíduo adoecido frente à situação, em inúmeros momentos surgem situações que posicionam os profissionais da medicina enquanto detentores de um saber legítimo, denominado em outros momentos como “poder médico”.

Logo, é importante lembrar o que Ribeiro e Amaral (2008) retratam em seu estudo sobre a medicina centrada no paciente, pontuando que o método clínico baseado em modelo biomédico, apesar de trazer grandes avanços para a ciência e conferir poder a ela, tornou o diagnóstico da doença preponderante sobre o doente, sem mencionar que nem todas as pessoas adoecem da mesma forma ou se enquadram numa doença bem definida, portanto, ainda hoje existe a necessidade de questionamento sobre os métodos aplicados.

Nesse âmbito, por mais que a escrita dessa seção (mais especificamente o segundo capítulo) traga que, na lógica biomédica, a validade do relato sobre a doença só diz respeito ao doente, o texto acaba por contestar a veracidade do que é dito por ele, legitimando a dúvida do profissional frente ao que lhe é descrito. Desconfiança essa, que, por muitos motivos, não cabe na relação médico-paciente, sendo preciso salientar que a decisão compartilhada se aplica em todos os tipos de tratamento, e o paciente é um participante ativo e corresponsável por esse (RIBEIRO e AMARAL, 2008).

Em vistas a essa situação de descrédito, muitas vezes, se deixa de lado o saber do paciente sobre o seu corpo e sobre o seu adoecimento, ocorrendo a substituição do sujeito-paciente, com todo o seu contexto de vida e história, pela aplicação quase que imediata da biomedicina do corpo abstrato da Ciência para o corpo real (AZEREDO e SCHRAIBER, 2016). O que ainda atravessa questões sobre as políticas de humanização e saúde (BRASIL, 2004) e a necessidade de investigar a compreensão desse sujeito sobre o adoecimento e a influência cultural em suas percepções sobre o corpo, o que é descrito posteriormente.

A parte II, acerca das expressões, significados e simbologias do corpo, foca em estudos de casos específicos, que ilustram como diferentes sociedades os interpretam. Formada pelos seis capítulos seguintes, essa segunda parte expõe sobre os sentidos da dor, suores e odores do corpo adoecido referindo-se sobre a contextualização das práticas e dos profissionais em saúde em diferentes grupos sociais, face ao corpo, à saúde, à doença e à cura.

O sexto trecho da obra traz sobre o significado da dor em academias de ginástica, refletindo as representações e as relações nesse ambiente, a partir da visão do etnógrafo, e como, mesmo fora do ambiente de adoecimento, o discurso biomédico perdura e tem maior força que qualquer outro fora de conhecimento. Ainda pensando os signos da dor, fala-se dos pacientes cardiopatas internados e da maneira que esses sujeitos a vivenciam, bem como, os conflitos entre corpo e mente gerados nesse processo de adoecimento e forma como é guiado pelas culturas e aspectos sociais.

Voltando ao ambiente das academias, surgem reflexões sobre o suor e as secreções corporais e como sua presença traz consigo os sinais de limpeza e expulsão das impurezas corpóreas, de forma a compreender o papel do educador físico na desmistificação do corpo. A etnografia seguinte relata não sobre as secreções, mas os odores, isso, pensando sujeitos ostomizados, o incômodo e os impasses das doenças intestinais, mostrando como os excrementos corporais ainda são tabus e as maneiras que esses pacientes encontram para lidar com a ostomia.

O penúltimo capítulo se refere aos símbolos e narrativas do coração. Como esse órgão foi moldado social e culturalmente e como, por outro lado, o curso da doença revela narrativas e identidades pessoais e expressão das vivências singulares dos indivíduos. Por fim, pensa-se as metáforas sobre gravidez em um livro de obstetrícia, considera-se a perspectiva da gestação enquanto adoecimento e a medicalização do corpo da mulher e de um processo que seria natural, a inserção do médico nesse contexto, novamente, com denominação de salvador.

Em geral, são narrados incômodos do paciente quanto ao cuidado familiar exacerbado, dependência, os conflitos entre as emoções do paciente e a capacidade de seu corpo, e a ambivalência de sentimentos decorrida das sensações similares da experiência da dor e possibilidade de sofrimento, variando entre o medo, o desejo em evitar a dor e, também, o anseio em recuperar a autonomia e sair de uma situação de dependência. Sentimentos que corroboram, em parte, com todos os adoecimentos descritos, seja na hanseníase, nas doenças coronarianas, nas doenças intestinais, ou até mesmo na condição de gestação - que há muito vem sendo medicalizada e tratada como uma enfermidade.

Em vistas à grande contribuição trazida nesses relatos, existe ainda o apontamento da fragilidade da assistência em saúde no Brasil, frequentemente ancorado em disponibilidades individuais dos profissionais. Rememorando que a visão de corpo e saúde da medicina está interligada à biopolítica, a obra dialoga com o trabalho de Zorzanelli e Cruz (2018), que também estudam a saúde através dos escritos de Foucault e se referem que a medicina é o elo que articula a biopolítica com a disciplina, atuando como elo do biopoder no controle da vida, na vigilância sobre o corpo, sobre a doença e sobre a saúde.

Enquanto buscam uma nova abordagem teórica para o estudo dos símbolos corporais, Ferreira e seus/suas colaboradores/as se referem à importância da contextualização das práticas de saúde para atuação com diferentes grupos, sendo impossíveis condutas homogêneas, dada a variedade de marcadores sociais existentes. Tornando-se necessário ressaltar que, para a maioria das doenças, o objetivo não é mais a cura, mas a prevenção de seu aparecimento e dos danos decorrentes, e a qualidade de vida na perspectiva do paciente é a meta a ser alcançada (RIBEIRO e AMARAL, 2008).

Assim, apesar de em alguns momentos sucumbir a lógica biomédica de engrandecer e posicionar o sujeito médico enquanto aquele que se encontra no topo da hierarquia no campo da saúde, ideia essa que necessita ser rompida, Ferreira

apresenta seus argumentos de maneira coerente, proporcionando uma leitura envolvente, e “O corpo sógnico” oferece uma perspectiva única, uma vez que, apesar de algumas áreas que poderiam ser mais exploradas, o texto consegue provocar reflexões importantes no campo de estudo que se propõe a analisar.

Recebido em 19 de julho de 2024.

Aceito em 30 de agosto de 2024.

Referências

AZEREDO, Y. N.; SCHRAIBER, L. B. Autoridade, poder e violência: um estudo sobre humanização em saúde. *Interface*, 25: e190838, 2021.

BRASIL. HumanizaSUS: *Política Nacional de Humanização: a humanização como eixo norteador das práticas de atenção e gestão em todas as instâncias do SUS*. Brasília: Ministério da Saúde, 20p. 2004.

FERREIRA, J. *O corpo sógnico: Abordagens antropológicas dos sintomas, sinais e símbolos corporais*. Curitiba: CRV, 2022.

FERREIRA, J. O corpo sógnico. In: ALVES, P. C.; MINAYO, M. C. S. (orgs). *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994. pp. 101-112.

RIBEIRO, M. M. F.; AMARAL, C. F. S. Medicina centrada no paciente e ensino médico: a importância do cuidado com a pessoa e o poder médico. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 32 (1): 90-97; 2008.

ZORZANELLI, R. T.; CRUZ, M. G. A. O conceito de medicalização em Michel Foucault na década de 1970. *Interface*, 22 (66): 721-31. 2018.

VOLUME 12
NÚMERO 28
(JAN./ABR. 2025)

ACENO

REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE
ISSN: 2358-5587

CHAMADA DE ARTIGOS

DOSSIÊ TEMÁTICO:

ANTROPOLOGIAS DOS DESERTOS:
ECOLOGIAS, POVOS E COSMOLOGIAS
ENTRE OS VAZIOS E AS ABUNDÂNCIAS
DE UM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO

COORDENADORXS:

DRA. ANTONELA DOS SANTOS (UBA/CONICET)

DR. GABRIEL RODRIGUES LOPES (UFS)

DR. PEDRO EMILIO ROBLEDO (UNC/CONICET)

Na América Latina, a palavra 'deserto' adquire conotações que vão além do geográfico-ambiental. Diversas noções de deserto influenciaram as definições político-ideológicas dos diferentes projetos coloniais e nacionais na região, desempenhando um papel central tanto nas crônicas coloniais quanto nas discussões relacionadas aos processos de consolidação dos Estados-nação. Além das características locais adquiridas por esse fenômeno, em todos os casos certos territórios foram vistos e conceituados como inóspitos e vazios não devido as suas condições ambientais, mas sim a rejeição de seus habitantes a modos de vida baseados na exploração capitalista dos recursos. Esses territórios, hostis a colonização, foram geralmente associados ao sombrio e ao selvagem, assim como a improdutividade e ao atraso. Estigmas que perduram até os dias atuais para justificar iniciativas político-econômicas de mapeamento e conquista territorial em nome da civilização, da razão e do progresso. É notório que esses lugares designados como desertos são marcados pela violência, subordinação, deslocamento e exploração laboral das populações locais, bem como pela implementação de projetos extrativistas em larga escala, do tipo plantation, como o cultivo de cana-de-açúcar, café, espécies para curtume, assim como a produção pecuária e a extração de minerais. Portanto, embora a construção dos desertos americanos seja, em princípio, discursiva e ideológica, suas implicações geralmente se traduzem em reconfigurações ecológicas e demográficas em larga escala. O contexto atual, marcado por uma crise política e ecológica generalizada, colocou em destaque a discussão sobre os desertos, mostrando que eles constituem territórios humanos altamente dinâmicos e de grande vitalidade, atravessados por conflitos ideológicos, ontológicos e epistemológicos com os quais diversos atores que os habitam, transitam e/ou os conceituam tem que enfrentar. Este dossiê se propõe a mapear comparativamente essas 'outras faces' dos territórios que tem sido habitualmente concebidos e/ou construídos como desertos na América Latina, reunindo textos que explorem etnograficamente como e até que ponto as ideias e práticas cotidianas daqueles que habitam esses espaços tensionam a distinção entre a vida e a não vida, o vazio e a abundância, consideradas uma premissa pouco questionável em outros tipos de teorizações. Interessa-nos refletir de forma conjunta sobre o enredo superpovoado de ritmos, experiências, ideias e histórias humanas e mais-que-humanas que constituem esses territórios, assim como sobre os efeitos antropológicos de estar, ou ter estado, neles.

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Mato Grosso

28